

ASFIXIA

(sexto tratamiento)

Por

Rafael Sylos

CENA 01 - INT. CASEBRE/COZINHA - FIM DE TARDE

Do lado de dentro de um casebre à beira-mar, as bordas de uma janela delimitam um pequeno fragmento do grande oceano cinzento. O som da quebra das ondas do lado de fora - juntamente ao burburinho de pescadores que acabaram de chegar do alto mar - é sobreposto pelo toque de um celular e seguido pela voz de GERVÁSIO, 52, pescador, magro, de cabelos grisalhos e pele morena castigada pelo sol. Ele conversa com sua filha REBECA, 22.

GERVÁSIO

Rê?

REBECA

Oi pai.

GERVÁSIO

Te liguei uns dias atrás... tu não viu?

REBECA

Eu vi, mas acabei esquecendo de retornar. Desculpa, essa semana foi meio agitada.

GERVÁSIO

Trabalhando muito?

REBECA

Também...

GERVÁSIO

Ah. (pausa) E como é que tá o tempo por aí?

REBECA

Ah, sol, né. Rio faz sempre sol.

GERVÁSIO

(ri timidamente)

É, tô lembrado. E como é que tá a arrumação...

Um breve burburinho do outro lado da linha faz com que Rebeca interrompa a fala do pai.

REBECA

Pai, mil desculpas, tudo bem se a gente se falar depois? Chegaram umas pessoas aqui.

(CONTINUED)

GERVÁSIO
(frustrado)
Claro, filha... vai lá. Um beijo.

REBECA
Beijo, pai. Até.

Gervásio segue para a VARANDA. Do lado de fora, o som da volta dos pescadores se faz mais evidente. No horizonte próximo, um grupo de homens puxa uma grande canoa para a areia. Gervásio ajeita uma cadeira ao lado de uma pequena mesa. Em cima dela, ele organiza seus apetrechos, tais como uma garrafa de rum, uma bolsinha de fumo e uma viola caipira. Tosse algumas vezes enquanto dispõe os objetos. Em meio ao esforço físico dos homens poucos metros adiante, o pescador JANGA, 68, que empurra uma das extremidades da proa, interrompe o trabalho e se aproxima da casa de Gervásio.

JANGA
(grita)
E hoje turista? Não vai empurrar a canoa não?

GERVÁSIO
(grita)
Quase não dou conta nem da minha bateirinha mais, homem!

Conformado, Janga volta a empurrar o barco. Gervásio se ajeita na cadeira, serve-se de uma dose de rum e puxa a viola caipira para começar a tocar, enquanto observa o horizonte.

CENA 02 - EXT. CAIS - MANHÃ

Com um cigarro de palha entre os lábios, Gervásio termina de ajeitar seu humilde equipamento de pesca. Enquanto examina sua rede, encontra um isqueiro velho nos emaranhados, que observa rapidamente antes de guardar no bolso de sua camisa. Uma GURIA, 10, magra e um pouco mais morena que Gervásio, se aproxima.

GURIA
(tímida)
Seu Gervásio, meu tio perguntou se o senhor não quer levar um lanche lá do bar.

GERVÁSIO
Precisa não, guria. Tenho meu almoço aqui pra levar.

Gervásio coloca a mão sobre a boca e solta uma tosse seca, como a do dia anterior. Alcança uma velha mochila, tira uma nota de cinco e a entrega para a pequena.

GERVÁSIO

Ó, pro seu tio... pelas duas doses
que eu tava devendo.

A guria guarda a nota no bolso e observa o breve acesso de tosse de Gervásio com uma expressão preocupada.

GURIA

Obrigada. (pausa) e um xarope, o
senhor não quer? Eu pego ali no
centro e trago de noitinha.

GERVÁSIO

(ri)

Precisa não, guria. E para de
chamar de senhor, já basta o
espelho pra me lembrar da idade!

GURIA

Tá bom...

A guria acena timidamente e sai correndo em direção ao bar. Gervásio o observa desaparecer no horizonte e volta sua atenção para o barco.

CENA 03 - EXT. MAR ABERTO - DIA

No meio do mar, já um pouco afastado da praia, Gervásio contempla a vastidão do mar cinzento e, entre uma tosse e outra, prepara sua rede para iniciar a pesca.

CENA 04 - INT. CASEBRE/COZINHA - FIM DE TARDE

Gervásio entra na cozinha enquanto checa despretensiosamente seu celular. Constata que não há nenhuma nova mensagem ou ligação perdida. Deposita o celular no balcão da cozinha e enche uma chaleira de água. Pensativo, anda pelo cômodo com a chaleira na mão e finalmente a coloca no fogo. Vai mais uma vez até o celular e, sem tirá-lo do balcão, aperta uma das teclas para se certificar de que realmente não há nenhuma novidade. Segue para outro cômodo enquanto a água começa a ferver. Segundos depois, a tela do celular acende, o que faz com que Gervásio volte rapidamente para o balcão. Ainda não há nenhuma notificação, mas a tela indica que a bateria está fraca. Ele puxa um carregador em uma gaveta próxima e conecta o aparelho à tomada.

CENA 05 - EXT. CASEBRE/VARANDA - FIM DE TARDE

Gervásio se ajeita na cadeira da varanda e posiciona uma garrafa térmica e uma cuia ao seu lado, num pequeno móvel de madeira. Pega uma bolsinha de tabaco e começa a enrolar um cigarro. Uma nova tosse interrompe sua ação. Despreocupado, ele acende o cigarro e ajeita sua cuia, enquanto observa o ritmo calmo do mar.

Olha para o lado e percebe que a guria está escondida atrás de seu barco a poucos metros dali, olhando para ele. Gervásio ri alto, e seu riso se mescla com a mesma tosse de antes.

GERVÁSIO

(grita)

Ô guria! Vem cá.

Espantada, a pequena abaixa a cabeça e tenta se esconder melhor.

GERVÁSIO

(grita e ri ao mesmo tempo)

Já te achei, pentelha! Não precisa se enterrar na areia não!

A guria sai devagar de seu esconderijo e caminha até a varanda com as mãos atrás das costas. Gervásio põe o cigarro de lado por um minuto, dá um gole demorado em seu Mate, até a bomba fazer um barulho indicando que o líquido acabou. Sorri para a guria e se faz de curioso.

GERVÁSIO

Que é que tu tá escondendo aí,
hein?

A pequena estende timidamente um saco de pão, que Gervásio toma de suas mãos de forma furtiva, em tom de brincadeira. Desembrulha o pacote: é um frasco de xarope para tosse. Ele ri alto mais uma vez e olha para a guria como se esperasse uma explicação. Esta, por sua vez, observa o pescador com uma expressão aparentemente ofendida e alerta o homem.

GURIA

O senhor vai acabar sufocando!

Gervásio diminui o tom da risada e, sem olhar para a guria, enche novamente a cuia. Estende o braço e a oferece à pequena, ainda sem dizer nada. Ela logo pega a cuia das mãos do pescador e senta na soleira.

Gervásio volta a se ajeitar na cadeira e tira sua gaita surrada do bolso. Começa a tocar uma música para a guria, que observa com espanto e admiração a habilidade musical do

(CONTINUED)

homem. No meio da música, Gervásio começa a tossir de novo e perde o fôlego. Sua preocupação finalmente se faz visível. Ele encara o mar sem dizer nada e volta-se para a guria. Esta, por sua vez, faz uma cara de desaprovação para Gervásio, coloca a cuia no chão e simula um apertão em seu próprio pescoço com suas pequenas mãos, como se estivesse sufocando. Gervásio abre um grande sorriso de deboche.

CENA 06 - INT. CASEBRE/SALA - FIM DE TARDE

Gervásio espalha seus apetrechos por diferentes cantos da sala. Se aproxima do celular, que ainda está em cima do balcão e, hesitante, clica na tela. Não há nenhuma notificação. Começa a se despir e jogar as roupas pelo próprio chão da sala.

CENA 07 - INT. CASEBRE/BANHEIRO - NOITE

A água quente do chuveiro cai sobre Gervásio, que se mantém parado e de olhos fechados. O som suave das ondas se mistura ao da água corrente do banho. Sua tosse irrompe de forma mais abrupta do que anteriormente. Os azulejos esverdeados que rodeiam o ralo recebem uma breve corrente de água vermelha.

CENA 08 - INT. CASEBRE/QUARTO - NOITE

Ainda com o cabelo molhado, Gervásio se senta na ponta da cama com o celular em mãos. Hesita por alguns instantes, mas acaba discando o número da filha. Depois do telefone tocar muitas vezes, Rebeca atende.

REBECA

Alô?

GERVÁSIO

Oi Rê. Tudo bem por aí?

REBECA

Oi, pai. Tudo bem sim.

Um breve silêncio se instaura. Inquieto, Gervásio coça a cabeça molhada com a toalha e abaixa o tom de sua voz.

GERVÁSIO

(suspira)

Que bom, que bom...

REBECA

Tá tudo certo contigo?

GERVÁSIO

Tudo, tudo. A pesca não rendeu hoje, mas amanhã compensa.

REBECA

(brinca)

Entendi. Os peixes tão fugindo de ti.

GERVÁSIO

(ri timidamente)

É, vai ver que é.

O silêncio volta a preencher o ambiente.

REBECA

E o que mais?

GERVÁSIO

Ah, filha. Queria saber como é que tá aí, né... a mudança e tudo mais.

REBECA

Ah, me mudei, né. Tu sabe. Eu e a Lia.

GERVÁSIO

(pausa)

Lia?

REBECA

(impaciente)

Pai... tu já sabe. A gente já falou sobre isso.

Gervásio demonstra seu desconforto mais uma vez. Troca o celular de mão, joga a toalha numa cadeira próxima e põe a outra mão sobre o rosto.

GERVÁSIO

Sim, sim... a gente já falou disso. Mesmo assim, ainda tô aqui tentando entender. (pausa) Rebeca, tu tem certeza que ---

REBECA

Pai, eu não vou entrar nisso de novo. (pausa) Só me faz um favor: só me liga quando já tiver entendido. Ok?

(CONTINUED)

Gervásio fica em silêncio.

REBECA

Tá... pelo visto vai ficar mudo,
né? (pausa) Bom, vou ter que
desligar. Beijo, pai. Fica bem.

O barulho repetitivo da ligação recém-terminada ecoa no ouvido de Gervásio, que continua com o celular grudado à orelha. A mão que cobre seus olhos se desloca para a boca, para conter uma nova onda de tosse que se inicia.

CENA 09 - EXT. MAR ABERTO - DIA

O sol forte faz com que Gervásio se mantenha de olhos cerrados diante do mar aberto. Com um cigarro entre os lábios, ele faz movimentos certos com a rede de pesca enquanto a recolhe de volta para o barco. Alguns peixes se debatem entre os emaranhados da rede. O desespero dos pequenos corpos à procura de seu habitat se faz visível na inquietude dos que se sacodem pelo chão do barco. Depois de poucos segundos lutando pela vida, todos eles acabam se entregando à morte.

CENA 10 - INT. CASEBRE/SALA - FIM DE TARDE

Gervásio coloca o dinheiro arrecadado em um grande pote sobre o balcão. Vai até a porta de entrada da casa e contempla o horizonte, pensativo. Vira-se novamente para dentro de casa e avista o celular em cima do sofá. Receoso, se aproxima e aperta um dos botões. Não há nenhum novo recado. Com o olhar perdido e o celular entre as duas mãos, ele faz um movimento brusco e lança o aparelho com força para um canto. Põe as mãos sobre o rosto e começa a tossir de novo, mas dessa vez a tosse perdura, fazendo com que ele perca o fôlego e comece a tatear debilmente seu entorno à procura de um amparo.

Ele rapidamente se levanta do sofá e corre de encontro ao celular, que ainda funciona apesar das novas rachaduras na tela. Começa a discar um número. Sua tosse cessa aos poucos, permitindo que ele recubra o fôlego e, logo, desista de fazer a ligação. Olha para a janela da cozinha e percebe que a guria novamente o observa, escondida. Irritado, Gervásio corre até a varanda.

CENA 11 - EXT. CASEBRE/VARANDA - FIM DE TARDE

Gervásio abre bruscamente a porta e avista a guria correndo, já afastado no horizonte.

GERVÁSIO

(grita)

Ei! Guria! Volta aqui!

Desconcertado, ele se senta na cadeira da varanda e algumas lágrimas caem de seus olhos. Percebe, então, que o pacote de pão com o frasco de xarope ainda continua sobre o pequeno móvel de madeira. Ele pega o frasco e o examina com pouca atenção, enquanto novas lágrimas caem de seus olhos. A falta de ar volta a se manifestar. Gervásio encara o mar cinzento e se mantém agarrado ao frasco de xarope.

CENA 12 - INT. BOTEÇO - NOITE

Gervásio chega no pequeno boteco que pertence a WALTER, 70, tio da guria. Há poucas pessoas ali. Dois homens jogam sinuca em um canto e outros dois conversam próximos à entrada do boteco. Uma pequena televisão disposta em cima do balcão exibe um jogo de futebol, cujo som toma conta do ambiente. Sentada no chão, a guria olha atenta para a tela. Walter, por sua vez, repõe algumas garrafas de bebida nas prateleiras atrás do balcão.

GERVÁSIO

(cumprimenta)

Walter...

Surpreso, Walter interrompe seus afazeres.

WALTER

Ô, Gervásio! Saiu da toca hein, já não era sem tempo.

A guria se vira para Gervásio, também surpresa, e lança a ele um olhar de reprovação. Simula novamente um apertão em seu próprio pescoço, como se sufocasse. Gervásio franze as sobrancelhas e volta sua atenção a Walter, deixando escapar uma tosse carregada antes de falar.

GERVÁSIO

Pois é. Uma pesca que rende reaviva os ânimos... e agora que tal uma dose daquela cachacinha, no capricho?

Walter hesita. Indica a lateral do balcão e os dois se afastam da guria. Walter encara Gervásio, sem dizer nada.

(CONTINUED)

GERVÁSIO

(ri nervosamente)

Que foi, Walter? Vem conversa séria por aí?

WALTER

Gervásio... minha sobrinha falou de ti comigo. O que é que anda acontecendo afinal?

O olhar perdido de Gervásio percorre o ambiente até chegar no chão, onde a guria segue assistindo ao jogo de futebol.

GERVÁSIO

Não tem nada de errado não. Tá tudo certo. (pausa) Essa guria é que deveria arrumar algum livro pra ler, um esporte pra fazer... porque olha, a pentelha anda curiosa demais ultimamente.

WALTER

Ela se preocupa. A criança nessa idade não entende muito dos problemas sérios que a gente carrega, disso eu sei. Mas ela percebe o que tá ali, na cara dela. E essa tosse aí não me parece invenção de criança desocupada não, Gervásio.

Gervásio começa a ficar impaciente e se afasta do balcão.

GERVÁSIO

Bom, vai me servir aquela cachaça? Senão eu posso ir no quiosque mesmo.

Walter também se levanta e coloca a mão sobre o ombro do amigo.

WALTER

Tem falado com a Rebeca? Tu sabe que se precisar ela vem correndo pra cá e ---

A agitação de Gervásio se faz mais aparente. Ele fica ofegante e tem um novo acesso de tosse. Começa a perder o fôlego. Walter se apressa e enche um copo d'água. Quando estende o copo a Gervásio, ele fica ainda mais impaciente. Pega o copo e joga com força no chão. Quase acerta a guria, que acaba ficando ensopado com a água e se levanta rapidamente para escapar dos cacos de vidro. A pequena

(CONTINUED)

encara Gervásio de olhos arregalados e muito assustada. Gervásio, por sua vez, não consegue conter o acesso de tosse. Seus olhos marejam, enquanto se move para o lado de fora do boteco, correndo. Walter observa atônito os estragos causados e se apressa em ajudar a sobrinha.

CENA 13 - INT. COZINHA - NOITE

Ainda muito inquieto, Gervásio entra no casebre em pleno acesso de tosse. Rodeia debilmente sua cozinha e pega a chaleira. Enche-a de água e coloca no fogo. Seu celular está em cima do balcão. Ele se aproxima do aparelho, mas a tosse se intensifica antes que ele possa fazer sua checagem rotineira. Ele se esforça cada vez mais para conseguir inspirar o oxigênio. Segura firmemente a ponta do balcão, mas acaba cedendo. Desmaia no chão da cozinha. Alguns segundos se passam e a chaleira começa a apitar com mais intensidade à medida que a água ferve. A luz do celular acende. Mesmo com o apito incessante da chaleira, é possível ouvir a vibração do aparelho indicando uma nova ligação.

FIM